

## Prosodização de clíticos em Português Brasileiro: pistas a partir de hipossegmentações

### *Prosodization of clitics in Brazilian Portuguese: clues from hyposegmentations*

Roberta Fiel\*

Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, Brasil

Luciani Tenani\*\*

Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, Brasil

**Resumo:** Elementos clíticos em Português Brasileiro (PB) são prosodizados predominantemente à direita de seu hospedeiro. Em textos escritos, alunos do Ensino Fundamental (EF) tendem a grafar clíticos junto a seu hospedeiro, como ‘puraqui’ (‘por aqui’). Essas grafias seriam, pois, motivadas pela prosodização típica dos clíticos no PB. No entanto, encontramos grafias como ‘tenque’ (‘tem que’), em que o clítico está à esquerda do hospedeiro, formando estruturas enclíticas. Identificamos características desse tipo de hipossegmentação em uma amostra de textos produzidos ao longo dos quatro últimos anos do EF. Interpretamos que essas hipossegmentações são efeito de práticas letradas, que prescrevem o uso de ênclise verbal, como ‘pegala’ (‘pegá-la’), e, simultaneamente, efeito de práticas orais em que a ênclise ocorre, como ‘tenque’. Argumentamos que essas últimas hipossegmentações são pistas de que em certas estruturas morfossintáticas e certa configuração rítmica do enunciado a direção da prosodização clíticos é à esquerda.

**Palavras-chave:** Prosódia. Clíticos. Fonologia. Escrita. Português Brasileiro.

**Abstract:** Clitic elements in Brazilian Portuguese (BP) are predominantly prosodized to the right of their host. In written texts, Elementary School students tend to write clitics next to their host, as ‘puraqui’ (‘por aqui’). These spellings would therefore be motivated by the typical clitic prosodization of BP. However, we find spellings such as ‘tenque’ (‘tem que’), in which the clitic is next to the left of the host, forming an enclitic structure. We identified characteristics of this type of hyposegmentation in a sample of texts written over the last four year of the Elementary School. We propose that these hyposegmentations are effects of literacy practices, which prescribe the use of verbal enclisis, such as ‘pegala’ (‘pegá-la’), and simultaneously oral practices in which enclisis occurs, such as ‘tenque’. We argue that the latter hyposegmentations are clues that the direction of clitic prosodization is to the left in certain morphosyntactic structures and rhythmic configuration of utterances.

**Keywords:** Prosody. Clitics. Phonology. Writing. Brazilian Portuguese.

---

\* Doutoranda em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, Brasil; roh\_fiel@hotmail.com

\*\* Livre-docente, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, Brasil; luciani.tenani@unesp.br

## 1 INTRODUÇÃO

Clíticos fonológicos são formas que não têm acento e, conseqüentemente, não são palavras prosódicas. Essa característica leva clíticos a serem prosodizados junto a um hospedeiro, uma palavra com acento. Em Português Brasileiro (PB), clíticos fonológicos (cl) são preferencialmente prosodizados à direita, seguindo a direção da recursividade sintática, e formam com seu hospedeiro um constituinte prosódico, de natureza pós-lexical, como proposto por Bisol (2005, 2000) e discutido na próxima seção. Em textos escritos, alunos do Ensino Fundamental (EF) II tendem a grafar clíticos junto a seu hospedeiro, como ‘puraqui’ (‘por aqui’), como descreveu Fiel (2018). Essas grafias seriam, pois, motivadas pela típica prosodização dos clíticos no PB. No entanto, há grafias como ‘tenque’ (‘tem que’), em que o clítico ‘que’ está posposto ao hospedeiro ‘tem’, indiciando a configuração de estrutura enclítica. A relevância da consideração desse tipo de dado para a análise linguística é apresentada na sessão *Hipossegmentação de palavras*. Em seguida, descreveremos, na seção *Descrição e discussão de resultados*, características desse tipo de hipossegmentação em uma amostra de textos produzidos ao longo dos quatro últimos anos do EF, cujas características são apresentadas na seção *Material e metodologia*. Interpretaremos que essas hipossegmentações são efeito de práticas letradas, que prescrevem o uso de ênclise verbal, como ‘pegala’ (‘pegá-la’), e, também, efeito de práticas orais em que a ênclise ocorre, como ‘alende’ (‘além de’). Argumentaremos que essas últimas hipossegmentações são pistas de que a ênclise é preferencial em PB em certas estruturas morfossintáticas. Concluiremos este artigo retomando a problematização inicial acerca da prosodização de clíticos em PB, para levantar a hipótese de que a prosodização dos clíticos, nesses casos, ocorre à esquerda de seu hospedeiro, podendo se dar em domínio diferente do grupo clítico.

## 2 PROSODIZAÇÃO DE CLÍTICOS EM PORTUGUÊS

A prosodização de clíticos em diversas línguas é tema controverso porque envolve um conjunto de formas que pertencem a diferentes classes gramaticais, as quais, por sua vez, apresentam variado leque de comportamento. Há propostas que defendem um domínio específico de prosodização dos clíticos, como o grupo clítico (Nespor; Vogel, 1986, 2007) ou o grupo composto (Vogel, 2009); outras propostas negam haver domínio específico de atuação de regras que afetam os clíticos e afirmam que essas formas se prosodizam em diferentes domínios prosódicos, como palavra prosódica, palavra prosódica recursiva, frase fonológica (Selkirk, 1984, 1986, 1996, 2004; Inkelas, 1990; Vigário, 2003, dentre vários outros).

Em PB, são exemplos de clíticos fonológicos monossílabos átonos como preposições ‘de, com, em’, conjunções, ‘e, se, que’, pronomes ‘me, te, lhe’ e artigos ‘o, os, a, as’. Esses elementos têm a palavra prosódica pós-lexical como domínio específico para sua prosodização, na interpretação de Bisol (2000, 2005) com base em Nespor e Vogel (1986); ou não, na visão de Simioni (2008), que defende que clíticos são prosodizados no domínio da frase fonológica, ao adotar a proposta de Selkirk (2004). Haveria, ainda, a possibilidade de haver diferenças na prosodização de clíticos no PB, segundo Guzzo (2015). Para essa autora, clíticos pronominais são prosodizados no grupo composto (conforme abordagem de Vogel, 2009), diferentemente dos clíticos não pronominais, que seriam prosodizados junto à frase fonológica. Nesses

trabalhos, é descrita a predominância de a direção da cliticização ser à direita do hospedeiro.

Essas possibilidades de prosodização do clítico em PB brevemente resumidas decorrem, em parte, de diferentes propostas teóricas no âmbito da chamada Fonologia Prosódica e, doutra parte, da natureza complexa de formas que são (como a preposição ‘de’) ou podem ser clíticos fonológicos (como a forma reduzida ‘pa’ da preposição ‘para’ – cf. Marcato, 2013).

No que diz respeito ao arcabouço teórico, retomamos uma (entre várias) crítica feita ao modelo proposto por Nespor e Vogel (1986). A crítica que interessa brevemente retomar diz respeito ao fato de o clítico ser analisado como pé métrico e palavra prosódica por força dos princípios de boa formação da hierarquia,<sup>1</sup> sem necessariamente haver evidências segmentais ou rítmicas que sustentem o grupo clítico em diferentes línguas. Na edição de 2007 da mesma obra, *Prosodic phonology*, as autoras reconhecem o problema da configuração da hierarquia prosódica decorrente da aplicação dos princípios (1) e (2), abaixo transcritos, e propõem “flexibilizá-los”.

**Princípio 1.** Uma unidade não-terminal dada na hierarquia prosódica,  $X^P$ , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa,  $X^{P-1}$ ;

**Princípio 2.** Uma unidade de um determinado nível da hierarquia está exaustivamente contida na unidade hierarquicamente superior de que faz parte. (Nespor; Vogel, 1986, p.7)<sup>2</sup>

Por meio de flexibilização do princípio (1), ficaria permitido que um constituinte dominasse até dois domínios abaixo dele. A partir da nova formulação do princípio 2, resulta a possibilidade de a sílaba não ser dominada por pé métrico e, este, pela palavra prosódica. Dessa maneira, no grupo clítico (CG) as sílabas ( $\sigma$ ) são prosodizadas junto à palavra prosódica (PW), como ilustrado na Figura 1, com o exemplo *me li ri separa* do italiano.

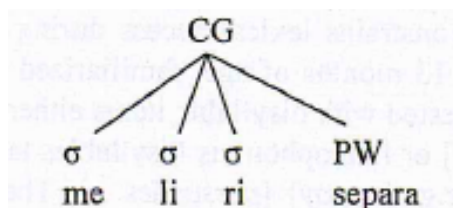


Figura 1 - O grupo clítico de Nespor e Vogel (2007, p. 16)

<sup>1</sup> Os quatro princípios da hierarquia prosódica são os seguintes (cf. Nespor e Vogel, 2007, p. 7):

Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy,  $X^P$ , is composed of one or more units of the immediately lower category,  $X^{P-1}$ .

Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.

Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.

Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w).

<sup>2</sup> A formulação dos princípios 1 e 2 no original é apresentada na nota precedente.

Na Figura 1, observa-se a nova proposta de mapeamento de clíticos e palavra prosódica em grupo clítico: os clíticos *me*, *li* e *ri* são sílabas ao lado da palavra prosódica *separa*. Nesse exemplo, os clíticos não são mapeados em pés métricos, nem palavras prosódicas, sendo as sílabas prosodizadas apenas quando da constituição do grupo clítico. O argumento dado pelas autoras para sustentar a existência do grupo clítico na hierarquia prosódica é o de que este constituinte é domínio de aplicação de regras segmentais, como em italiano (Nespor; Vogel, 1986, 2007). A alternativa de analisar esses processos como tendo outros domínios é refutada pelas autoras.

Para o PB, Bisol (2005, 2000) assume a existência do grupo clítico, defendendo ser esse o menor constituinte pós-lexical. Para a autora, é relevante um domínio para caracterizar a diferença da prosodização de prefixos, os quais sempre integram a palavra prosódica, completando-a ou aumentando-a, em relação aos clíticos que se anexam a uma palavra pronta, sem integrá-la. Bisol (2000) observa que o processo de integração que existe entre o prefixo e sua base em PB não existe entre o clítico e seu hospedeiro, uma vez que os elementos que compõem essa unidade mantêm sua independência. A autora traz evidências de que os clíticos se comportam diferentemente dos afixos, já que figuram como independentes na aplicação de regras fonológicas, como na neutralização de /e, o/, em final de palavra, onde [i, u], respectivamente, se manifestam. Nos exemplos a seguir, constata-se a neutralização nas vogais dos clíticos e das sílabas finais de palavra.

- (1) do menino > d[u] menin[u]
- (2) me leve > m[i] lev[i]
- (3) se sente > s[i] sent[i]

Nota-se, nos exemplos de Bisol (2000), que a regra se aplica tanto em palavras gramaticais, como a preposição ‘do’ e os pronomes ‘me’, ‘se’, quanto em palavras lexicais, como o substantivo ‘menino’ ou o verbo ‘leve’. Diferentemente é o que se observa nos exemplos abaixo, em que a neutralização não se aplica a vogais médias dos prefixos ou sílabas pretônicas, integradas a seu hospedeiro.

- (4) reanimar \*rianimar
- (5) pospor \*puspor.

Os prefixos são sempre ligados primeiramente a uma base morfológica, para somente depois integrarem-se à palavra como um todo. Os clíticos, por sua vez, nunca se integram à palavra, mas a ela se anexam, por adjunção, sob o domínio de um constituinte prosodicamente mais alto. Destaca-se que, para Bisol (2000), estabelece-se entre o clítico e seu cabeça uma relação de adjunção e não de integridade.

A autora ainda traz outras evidências a favor do grupo clítico, mas a principal delas é a elisão da vogal /e/, que só ocorre entre clítico e hospedeiro, como exemplificado a seguir.

- (6) Em outro dia > noutro dia
- (7) De outra vez > doutra vez
- (8) De um dia para o outro > dum dia para o outro
- (9) Em um espaço curto > num espaço curto

Em (6) e (7), a elisão ocorre entre os clíticos ‘em’, ‘de’ e a palavra gramatical que lhes segue, ‘outro’, ‘outra’; nos exemplos (8) e (9), entre dois clíticos: ‘de’ e ‘um’,

resultando ‘dum’; ‘em’ e ‘um’, resultando ‘num’. O mesmo processo é bloqueado na relação entre duas palavras lexicais, como exemplificado em (10) e (11).

- (10) Cidade antiga \*cidadantiga  
(11) Grande amigo \*grandamigo

A partir das evidências do processo de elisão de /e/, a autora conclui que o clítico, juntamente com a palavra a que se prosodiza, carrega uma natureza frasal, de uma locução, pois envolve elementos fonologicamente independentes. Assim, o clítico forma com seu hospedeiro um constituinte pós-lexical que não tem o tamanho da palavra prosódica de Selkirk (1984), mas o tamanho do grupo clítico de Nespor e Vogel (1986, 2007).

Contrária a essa visão é a interpretação proposta por Simioni (2008). Para essa autora, a elisão da vogal média /e/ pode ser analisada como evidência da prosodização do clítico anexado à frase fonológica. Em termos gerais, Simioni (2008) argumenta que essa prosodização se dá em função de que o clítico: (i) não se comporta como uma palavra prosódica independente; (ii) não se comporta como uma sílaba pretônica (no caso dos proclíticos) ou postônica (no caso dos enclíticos); e (iii) parece não se comportar como se estivesse no início de uma palavra prosódica. Com relação a (ii), a autora defende que em PB não parece haver uma distinção entre próclise e ênclise em termos de estrutura prosódica. Contrária a essa interpretação de Simioni (2008), Guzzo (2015) defende para o PB e Vigário (2003) para o PE que a prosodização dos pronomes é distinta, se em posição proclítica ou se enclítica.

Em suma, em PB (como em outras línguas) a pertinência de haver um domínio específico na hierarquia prosódica para prosodização de clíticos é tema sobre o qual não há consenso na literatura. E mesmo se admitida a pertinência desse domínio intermediário à palavra prosódica e à frase fonológica, não há consenso quanto à sua formalização. Neste artigo, reconhecemos essa problemática sem adentrar em possíveis soluções teóricas e assumimos a existência de um domínio prosódico para o clítico e seu hospedeiro. Admitimos que a prosodização do clítico à direita se dá no chamado grupo clítico, proposto por Nespor e Vogel (1986, 2007) e defendido por Bisol (2000, 2005) para o PB. Tomamos esse embasamento como ponto de partida para lançar o olhar sobre as grafias de palavras que tipicamente envolvem clíticos fonológicos pospostos a seu hospedeiro. Argumentaremos que a recorrência de hipossegmentação de clíticos pospostos ao hospedeiro ao longo do EF II seria pista de que, em PB, haveria assimetria na prosodização de clíticos, como defendido por Guzzo (2015) para os clíticos pronominais. O conjunto de hipossegmentações fornece, ainda, pista de quais construções morfossintáticas que, similarmente à estrutura de ênclise verbal, seriam prosodizadas no domínio da palavra prosódica.

A contribuição deste artigo aos estudos sobre fonologia está em fornecer pistas, com base em registros escritos, de haver clíticos que se integrariam à palavra prosódica, quando a direção da prosodização fosse à esquerda do hospedeiro. Identificar evidências fonéticas que refutem ou confirmem essa proposta é, pois, tarefa a ser feita em estudo futuro.

Antes de passarmos à descrição do material analisado, apresentaremos, a seguir, o quadro teórico em que a investigação de segmentações de palavra se insere.

### 3 HIPOSEGMENTAÇÃO DE PALAVRAS

A hipossegmentação pode ser vista como um tipo de grafia que se caracteriza pela ausência de fronteira gráfica<sup>3</sup> entre palavras, como ‘soque’ (‘só que’). Ao lado da hipersegmentação, que se caracteriza por presença de fronteira gráfica dentro de palavra (‘o portunidade’ para ‘oportunidade’), compreende os dois principais tipos de registro não convencional da fronteira de palavra<sup>4</sup>. Textos em que esses tipos de grafia ocorrem podem ser avaliados como característicos do processo de alfabetização, se os textos forem produzidos por alunos nos anos iniciais desse processo no EF I, mas passam a ser considerados índices de distúrbios de aprendizagem, se produzidos por alunos nos anos finais do EF I ou, ainda, no EF II<sup>5</sup>.

Neste artigo, tratamos justamente de textos do EF II em que ocorrem grafias que potencialmente indicariam os chamados distúrbios específicos de escrita de certa perspectiva escolar ou fonoaudiológica. Argumentaremos que características linguísticas, notadamente morfossintáticas e prosódicas, continuam a ter papel relevante para os alunos em processo de desenvolvimento da noção de palavra escrita. A explicitação dessas características é, de nosso ponto de vista, fundamental não apenas para descrever o funcionamento dessas grafias que ocorrem no EF II, contribuindo com o ensino de Língua Portuguesa, mas – principalmente – para demonstrar que os alunos se valem da competência linguística de ouvintes/falantes para produzirem seus textos. Nesse exercício argumentativo, as hipossegmentações são tomadas como dados linguísticos e não como meros erros ortográficos.

Interpretar erros ortográficos como índice de distúrbio de escrita em ambiente escolar dialoga fortemente com certas práticas clínicas de fonoaudiologia. Segundo Zorzi (2006), por exemplo, todas as crianças cometem ‘erros’ durante a aprendizagem da escrita; entretanto, esses erros não podem ser muito frequentes e devem diminuir ao longo dos anos letivos, tornando-se ocasionais, até que haja um total domínio do sistema ortográfico. O autor afirma ainda que as crianças que apresentam trajetória diferente dessa, exibindo grande diversidade e quantidade de segmentações não convencionais por um período longo, podem ser diagnosticadas como portadoras de transtornos de aprendizagem, uma vez que esse tipo de escrita de palavra é considerado sintoma de déficit de aprendizagem, um tipo de transtorno.

Fernandéz et al. (2010, p. 2) argumentam que o fato de o aluno se basear na oralidade para segmentar as porções do enunciado escrito é esperado no início do

---

<sup>3</sup> Fronteiras entre palavras em português podem ser representadas na escrita por meio de espaço em branco e hífen. Tenani (2016) discute a diferença entre esses tipos de registros de fronteira entre palavras e defende que segmentações não convencionais de palavra sejam definidas pela ausência, no caso das hipossegmentações, ou pela presença, no caso das hipersegmentações, de fronteiras gráficas de palavra.

<sup>4</sup> Um terceiro tipo pode ser identificado quando há simultaneamente os dois tipos de registros em uma sequência de duas palavras, como: “pura que” (“por aqui”). Nessa grafia, há hipossegmentação entre “por” e “aqui”, seguida de hipersegmentação de “aqui”. A esses registros Cunha (2004) denomina híbridos, justamente por haver características das duas possibilidades de segmentação de palavra, e Chacon (2013) denomina mesclas, por considerar que há mesclas de domínios prosódicos.

<sup>5</sup> A partir de 2009 (Lei Federal Nº 11.274/2009), o sistema de ensino básico no Brasil passou a ter duração de nove anos, sendo organizado em dois ciclos principais: do primeiro ao quinto ano, Ensino Fundamental I; do sexto ao nono anos, Ensino Fundamental II.

processo de alfabetização e deve se extinguir quando os escreventes “compreenderem o que é o princípio alfabético, pois, dessa forma, eles poderão fazer uso de maneira mais eficaz da informação obtida pela decodificação letra-som”. Entretanto, se o aluno continua produzindo textos com segmentações não convencionais de palavra nos anos finais do EF, pode ser diagnosticado com *disortografia*, um distúrbio de aprendizagem.

Essa abordagem dos chamados erros ortográficos, incluídas as segmentações não convencionais de palavras, está embasada em uma concepção de escrita que considera haver relação de interferência da modalidade falada na escrita. Visão semelhante a essa, recorrente na área de fonoaudiologia, também é mobilizada por licenciandos em Letras chamados a analisar esses erros ortográficos em produções escritas de alunos do sexto ano do EF II, como demonstraram Capristano e Ângelo (2015). Nesse trabalho, as autoras argumentam que a visão predominante é aquela que vê interferências da fala na escrita, porque concebem fala e escrita como modalidades linguísticas dicotômicas, com base na semiose do fônico da fala e do gráfico da escrita.

Distanciamo-nos dessa perspectiva dos erros ortográficos e assumimos perspectiva defendida por Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997). As autoras, considerando dados de escrita nos anos iniciais do EF I, afirmam que:

‘erros’ cometidos pelos aprendizes de escrita/leitura são, de fato, “[...] preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem, registros dos momentos em que a criança torna evidente a manipulação que faz da própria linguagem, história da relação que com ela (re)constrói ao começar a escrever/ler”. (Abaurre; Fiad; Mayrink-Sabinson, 1997, p. 16-17).

Dessa perspectiva linguística, as grafias que ora consideramos são dados epilinguísticos, de trabalho do sujeito da linguagem (mesmo em se tratando de alunos do EF II), seja em seu modo de enunciação falado, seja em seu modo de enunciação escrito. No trabalho do sujeito com (sua) escrita, a organização prosódica dos enunciados falados é uma de suas ancoragens, ao mesmo tempo em que estaria ancorado no que supõe ser as convenções da escrita. Ao escrever, o aluno enquanto sujeito da linguagem produz o que ele imagina ser o registro convencional dos enunciados, baseado em suas práticas orais/faladas e letradas/escritas. De nossa perspectiva, não é a materialidade das modalidades linguísticas a base relevante para interpretação dos dados de escrita enquanto dado linguístico, mas as práticas sociais orais e letradas em relação aos modos de enunciação falado e escrito.

Essa perspectiva é adotada por autores como Capristano (2007), Chacon (2013) e Tenani (2016) para análise de dados de segmentações não convencional de palavra produzidos por alunos do EF. Nesses trabalhos, as análises de características fonológicas passíveis de serem apreendidas da segmentação não convencional são feitas tendo por base a premissa de que características prosódicas dos enunciados são organizadas em constituintes, como proposto no modelo de Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986, 2007). Portanto, as segmentações de palavra seriam motivadas (ao menos em parte) na organização prosódica dos enunciados.

Capristano (2007) propõe a análise de produções textuais de crianças da primeira série EF I, observando na segmentação não convencional de palavras marcas que permitiram identificar pistas de um imaginário infantil sobre a escrita. Baseada nos resultados de sua pesquisa, argumenta que dois fatores pareceram atravessar fortemente as estruturas das segmentações não convencionais: (i) fator ligado aos

aspectos prosódicos dos enunciados; (ii) fator ligado àquilo que o escrevente imagina ser o código escrito institucionalizado (Corrêa, 2004).

Neste artigo, descreveremos que parte dessas características prosódicas descritas para dados de EF I permanecem como âncoras do processo de produção escrita no EF II. Interpretaremos essas características como resultados do que o aluno, enquanto escrevente e falante, imagina ser o registro ortográfico da palavra, notadamente dos monossílabos átonos que compreendem clíticos fonológicos do PB, com base em suas experiências com a escrita alfabética e de sua competência linguística. Dessa perspectiva, as hipossegmentações são, pois, pistas de possibilidades de configuração prosódica de enunciados.

#### 4 MATERIAL E METODOLOGIA

Os dados a serem apresentados foram selecionados da pesquisa feita por Fiel (2018) que investigou ocorrências de hipossegmentação em uma amostra longitudinal de textos que integra o *Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II* (Tenani, 2015)<sup>6</sup>. O banco é constituído por 5.519 textos escritos por 662 alunos do EF II, organizados em uma amostra transversal e uma longitudinal. Os resultados, a serem apresentados na próxima seção, foram obtidos a partir de 2.435 textos produzidos por 115 alunos, 67% dos 3.645 textos que constituem a amostra longitudinal. A definição desses textos como corpus de pesquisa foi feita tendo em consideração alunos que tivessem ao menos um texto por ano letivo. Desse modo, as produções de um mesmo conjunto de alunos poderiam ser observadas de forma contínua no decorrer dos quatro anos do EF II<sup>7</sup>.

Para melhor caracterização da amostra de textos investigada, faz-se necessário explicitar que os textos foram coletados por meio do projeto de extensão universitária *Desenvolvimento de oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção textual no ensino fundamental*, realizado em uma escola pública estadual, situada no noroeste paulista, com a colaboração de alunos de graduação em Letras e de pós-graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP. Portanto, os textos analisados não foram produzidos com propósitos de desenvolvimento desta pesquisa e guardam características da situação de produção textual no âmbito daquele projeto de extensão.

Quanto às características de produção textual relevantes para as questões que nos interessam aqui abordar, cabe informar que, inicialmente, era feita leitura de coletânea de textos, previamente selecionados pela equipe de coordenação das oficinas. Os textos, lidos conjuntamente pelos alunos, pertenciam a diversos gêneros e embasavam o debate, conduzido pelo professor ou monitor responsável pela atividade em sala de aula. O tema proposto para produção escrita era, pois, tratado sob distintas abordagens a partir dos textos lidos. Todas as discussões e atividades desenvolvidas na

---

<sup>6</sup> O banco pode ser acessado por meio de cadastro no site: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>.

<sup>7</sup> A identificação dos alunos que atendiam a esse critério foi possível pelas ferramentas de busca do sistema de gerenciamento dos textos os quais, por sua vez, estão acessíveis em arquivos com a transcrição ortográfica do texto e em arquivo de imagem do texto original.



escola foram pautadas em uma concepção de escrita enquanto modo de enunciação inserida em um processo de letramento vinculado às práticas de oralidade (Corrêa, 2004), como relatam Tenani e Longhin-Thomazi (2014)<sup>8</sup>. Feitas oralmente colocações sobre as abordagens do tema proposto, os alunos eram convidados a produzirem seus textos, atendendo a características de diferentes gêneros e tipos textuais, conforme previsto pelo programa curricular do Estado de São Paulo para cada ano letivo<sup>9</sup>. Dessa produção textual, é importante ressaltar que todos os textos foram escritos sem a possibilidade de reescrita e a cada aluno era facultada a possibilidade de não escrever o texto solicitado, sem que essa recusa tivesse penalização na avaliação escolar. Desse modo produzidos, os textos, por hipótese, guardam marcas, relativamente acessíveis ao analista, do trânsito do sujeito escrevente por práticas orais/faladas e letradas/escritas, como concebidas por Corrêa (2004).

Para a fase de identificação de hipossegmentação, adotamos dois critérios, a saber: (i) comparação dos espaços em branco entre palavras ao longo do texto; (ii) comparação entre as grafias das mesmas letras dentro de palavras semelhantes que ocorram no mesmo texto, conforme metodologia descrita em Tenani (2016). Também adotamos dois critérios de exclusão de dados, a saber: (i) formas homônimas, como ‘afim’, quando previsto ‘a fim’; (ii) dados de mesclas, como ‘pora qui’ (‘por aqui’). O primeiro critério de exclusão foi adotado por dois motivos: (1) morfossintático, pois esses casos de hipossegmentação que gerariam homônimas se particularizam em relação aos demais dados por estar em jogo duas grafias que correspondem a uma mesma cadeia fônica, sendo o critério morfossemântico que deveria ser considerado; e (2) quantitativo, porque houve muitas grafias semelhantes que enviesariam os resultados quantitativos. O segundo critério de exclusão de dados justifica-se no fato de mesclas (Chacon, 2013) ou híbridos (Cunha, 2004) são dados de natureza particular em relação aos demais, pois partilham traços de ambos os outros dois tipos: envolvem tanto a hipossegmentação quanto a hipersegmentação, como em ‘a olado’ (‘ao lado’). Esses dados são considerados um terceiro tipo de ocorrência de segmentação não convencional de palavra, merecendo um estudo específico.

Atendendo aos critérios descritos, chegamos a um total de **750** dados de hipossegmentação, sendo 693 ocorrências com a ausência do branco entre fronteiras de palavras ortográficas e 57 ocorrências com a ausência do hífen.

Esses dados foram submetidos à análise estatística, por meio dos softwares *Excel* (versão 2016) e *Minitab* (versão 2017). Foram aplicados o teste paramétrico ANOVA e o teste Tukey. As seguintes informações foram consideradas: (i) total de hipossegmentação em cada ano do EF II; (ii) total de palavras escritas em cada ano do EF II; (iii) índice de ocorrência de dados gerado a partir da razão entre o total de hipossegmentação e o total de palavras escritas em cada ano do EF II<sup>10</sup>. O total de palavras foi obtido a partir do número total de palavras convencionais, contabilizadas por meio da ferramenta *contagem de palavras* disponibilizada pelo software *Word*,

---

<sup>8</sup> Tenani e Longhin-Thomazi (2014) fazem descrição da metodologia e das atividades desenvolvidas no projeto de extensão.

<sup>9</sup> A descrição dos gêneros e de tipos textuais que constituem o banco está disponível on-line.

<sup>10</sup> Em Tenani (2016), encontram-se detalhes dessa metodologia de quantificação de dados.

*Microsoft*<sup>11</sup>. Os resultados permitiram assegurar que há decréscimo de hipossegmentação com o aumento dos anos letivos. No entanto, esse decréscimo não implica ausência completa de hipossegmentações no final do EF II, como demonstrou Fiel (2018). Neste artigo, restringimos a análise, na próxima seção, ao conjunto de 72 dados em que o clítico é posposto ao hospedeiro, os quais ocorrem ao longo do EF II.

Os dados foram classificados a partir de dois critérios de análise, a saber: (i) configuração prosódica, que diz respeito à identificação de constituintes prosódicos envolvidas nas palavras hipossegmentadas, como grupo clítico e palavra prosódica, por exemplo; e (ii) configuração morfosintática, que tratou da identificação de classes das palavras, em gramaticais e lexicais, que foram hipossegmentadas.

Para a identificação da configuração prosódica das hipossegmentações, baseamo-nos no arcabouço teórico-metodológico da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986, 2007), considerados os desenvolvimentos desse arcabouço particularmente em relação ao Português (Frota, 2000; Vigário, 2003; Fernandes, 2007). Essa identificação se deu a partir da estrutura prosódica da palavra convencional, por exemplo, ‘me ajude’ (grafado ‘meajude’) foi analisado em clítico (cl) seguido de palavra prosódica (ω), consideradas as definições e discussões de clítico e palavra prosódica para o PB, como sumarizados na primeira sessão deste artigo.

No desenvolvimento da análise prosódica, também consideramos o número de sílabas da palavra escrita convencionalmente e a localização do acento lexical de palavra. No que se refere ao número de sílabas, as palavras foram classificadas, segundo a tradição gramatical, em dissílabos, trissílabos ou polissílabos. Essa informação foi considerada como critério para identificar regularidades em relação ao tamanho tanto das palavras convencionais, quanto das pseudopalavras geradas a partir da hipossegmentação.

A seguir, passamos a descrever dados de hipossegmentações em que clítico é grafado junto a seu hospedeiro. Diferentemente de Fiel (2018), neste artigo interpretaremos que a recorrência de hipossegmentação de clíticos pospostos ao hospedeiro ao longo do EF II será pista de haver clíticos que se integrariam à palavra prosódica, quando a direção da prosodização for à esquerda do hospedeiro.

## 5 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nesta seção, descrevemos o conjunto de hipossegmentações que se caracterizam por junção de uma palavra prosódica com clítico. Esse tipo de junção teve decréscimo de ocorrências ao longo do EF II, como se observa na Tabela 1. No sexto ano, houve índice de 0,05 ocorrências; no sétimo e oitavo ano, 0,03 ocorrências e, no nono ano, somente 0,01 ocorrência. Constata-se que o tempo de escolarização atua favoravelmente ao aprendizado das convenções ortográficas, como esperado.

---

<sup>11</sup> A tarefa de digitalizar e transcrever os textos do Banco de Dados do EF II foi realizada por bolsistas de auxílio à Pesquisa FAPESP (processo 2013/14546-5).

Tabela 1 - Índice de hipossegmentação 'ω+cl' ao longo do EF II

Ano	6 <sup>a</sup>	7 <sup>a</sup>	8 <sup>a</sup>	9 <sup>a</sup>	Total
Nº de hipo	27	19	12	14	72
Nº de palavras	50981	68499	42204	93267	254951
Coefficiente	0,05	0,03	0,03	0,01	0,12

Fonte: Adaptado de Fiel (2018)

Os resultados mostram que o aumento de escolarização tem efeito positivo no aprendizado de regras de segmentação de palavras, notadamente aquelas palavras escritas que não se configuram como palavra fonológica, porque não têm acento. Esse resultado também mostra que nem todos os sujeitos da amostra escreveram convencionalmente ao final do EF II<sup>12</sup>. A análise que ora será realizada demonstrará algumas das características linguísticas dos enunciados que, em nossa interpretação, estariam motivando a manutenção dessas grafias de clítico posposto ao hospedeiro.

Iniciamos a descrição das características dessas hipossegmentações levando em conta a classe gramatical das palavras envolvidas.

Predominam hipossegmentações em que são grafados juntos verbo e pronome em posição enclítica. No sexto ano, ocorreram 21 hipossegmentações desse tipo; no sétimo ano, 7; no oitavo ano, 8, e, no nono ano, 12, como exemplificadas no quadro a seguir.

<sup>12</sup> Nessa tabela, estão excluídos dados de alunos cujos índices os levaram à classificação como *outliers*, por meio da análise estatística descrita por Fiel (2018). Em outras palavras, esses dados não são de alunos que poderiam ser classificados como portadores de distúrbios de aprendizagem.

Quadro 1 - Hipossegmentações de verbo e pronome

6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
‘achá-los’ > ‘achalos’	‘lembrá-lo’ > ‘lembra-lo’	‘vendê-lo’ > ‘vendelo’	‘preenchê-las’ > ‘preenchelas’
‘ajudá-los’ > ‘ajudalos’	‘ajudá-lo’ > ‘ajudalo’	‘ajudá-las’ > ‘ajudalas’	‘ajudá-lo’ > ‘ajudalo’
‘despistá-lo’ > ‘depistalo’	‘pagá-la’ > ‘pagala’	‘compra-lo’ > ‘compralo’	‘fazê-lo’ > ‘fazêlo’
‘derrotá-los’ > ‘derrotalos’	‘acalmá-la’ > ‘acalmala’	‘defende-los’ > ‘defenlos’	‘foi-se’ > ‘foise’
‘descrevê-lo’ > ‘descrevelo’	‘cumpri-las’ > ‘cumprilas’	‘seguir-lo’ > ‘seguilo’	‘levá-lo’ > ‘levalo’
‘estudá-los’ > ‘estudalos’	‘tê-la’ > ‘tela’	‘tratá-la’ > ‘tratala’ (2x)	‘matá-lo’ > ‘matalo’
‘imitá-los’ > ‘imitalos’	‘estava-me’ > ‘tavame’	‘pedi-la’ > ‘pedila’	‘passa-las’ > ‘pasalas’
‘pegá-lo’ > ‘pedalo’			‘perde-lo’ > ‘perdelo’
‘matá-lo’ > ‘matalo’ (2 x)			‘seguir-lo’ > ‘seguilo’
‘vê-los’ > ‘velos’ (2x)			‘sustenta-las’ > ‘sustentalas’
‘buscá-la’ > ‘buscala’			‘tê-las’ > ‘telas’
‘levá-la’ > ‘levala’			‘testá-lo’ > ‘testalo’
‘socorrê-la’ > ‘socorre-la’			
‘pegá-la’ > ‘pegala’ (2x)			
‘casarem-se’ > ‘casarense’			
‘ajude-me’ > ‘ajudime’ (3x)			

Fonte: Adaptado de Fiel (2018).

Esse tipo de junção parece menos motivada na configuração prosódica preferencial do PB, pois a direção da prosodização de pronomes em relação ao verbo é proclítica. Essa estrutura enclítica pode ser considerada como marcada quando se levam em conta enunciados falados do PB, segundo Abaurre e Galves (1996), notadamente porque a próclise é preferida quando consideradas possibilidades de colocação de pronome em relação ao verbo. Interpretamos que as hipossegmentações de verbo e pronome verificadas sejam efeito, em boa parte, da abordagem escolar do

conteúdo programático relativo à colocação enclítica do verbo<sup>13</sup>. A abordagem proposta nos documentos oficiais do Estado de São Paulo, à época da coleta, desconsidera a explicitação, por exemplo, das diferenças de usos desses pronomes em textos escritos ou falados, o que, de nossa perspectiva, aumenta a dificuldade de aprendizagem de estruturas linguísticas tipicamente empregadas na escrita, como é o caso da ênclise verbal. Acrescentamos que também está em jogo a aprendizagem do uso do hífen, marca gráfica que simultaneamente delimita fronteira e sinaliza dependência do pronome em relação ao verbo.

Embora essa colocação do pronome enclítico ao verbo seja aparentemente decorrente do aprendizado de regras das escritas, é importante destacar que também há características prosódicas subjacentes a essa colocação. Observamos que essas hipossegmentações resultam em grafias cuja configuração métrica se assemelha àquela predominante no domínio de palavra em PB. A maioria das junções desse tipo envolve verbo com duas ou três sílabas seguido do clítico, como em ‘pegala’ e ‘estudalos’, resultando em palavras paroxítonas semelhantes a trissílabos, como (pegala)Σ, ou a polissílabos com pés binários ((estu)Σ(dalos)Σ)<sup>14</sup>. A essas grafias subjaz uma configuração métrica de troqueu silábico, uma característica métrica do domínio de palavra mais geral do português, como observado por Bisol (2004). Tendo em conta essa potencial relação com a configuração métrica do domínio da palavra, as hipossegmentações ora descritas também encontram motivação em características prosódicas do PB. Haveria na hipossegmentação do clítico à esquerda do hospedeiro pista de projeção de configuração métrica de palavra prosódica pós-lexical, nos termos de Bisol (2000). De nossa parte, essas grafias também constituíram pistas de que os clíticos, quando à esquerda do hospedeiro, possam estar sujeitos a uma relação de integração à palavra.

Essa interpretação encontra respaldo também no fato de terem ocorrido poucas junções em que o resultado seja diferente desse padrão métrico típico do domínio de palavra. As hipossegmentações encontradas foram: (i) de um verbo monossilábico a um clítico que gerou um pé binário trocaico, como ‘velos’ (‘vê-los’) e ‘tela’ (‘tê-la’): houve duas ocorrências no nono ano, uma no sétimo ano, e duas no nono ano; (ii) de um verbo polissilábico a um clítico que gerou um pé ternário dátilo, como ‘tavame’ (‘estava-me’): houve duas ocorrências no sexto ano e uma no sétimo ano. Essa última possibilidade é a que mais se distancia da configuração métrica preferencial de palavra do PB, mas também é baixa sua ocorrência em relação aos demais dados encontrados. Explorando essas regularidades da configuração métrica das hipossegmentações de palavra hospedeira e clítico, lançamos a hipótese de que – nesses casos – essas grafias seriam projeção da relação de integração do clítico à palavra. Alternativamente, essas mesmas grafias seriam projeção do chamado grupo clítico, tal como inicialmente interpretado por Fiel (2018), seguindo Bisol (2005). Evidências fonéticas (como duração das sílabas nas fronteiras relevantes) poderiam

---

<sup>13</sup> Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), no EF II deve ser trabalhado o “sistema pronominal (diferentes quadros pronominais em função do gênero): preenchimento da posição de sujeito, extensão do emprego dos pronomes tônicos na posição de objeto, desaparecimento dos clíticos, emprego dos reflexivos etc.” (PCN, 1998, p. 60).

<sup>14</sup> O símbolo ‘Σ’ indica pé métrico.

trazer embasamento favorável a uma ou outra proposta de prosodização dos clíticos nesses casos.

Esse tipo de hipossegmentação de palavras também foi descrito para os dados de escrita infantil analisados por Cunha e Miranda (2007), por exemplo. Segundo as autoras, crianças do interior gaúcho tendem a não representar separadamente o clítico nessa estrutura de verbo e clítico, grafando-o como uma palavra, porque não reconheceriam a sílaba átona como clítico. Cabe observar que tanto crianças que produziram textos nos primeiros anos do EF I quanto adolescentes que ainda não grafam convencionalmente a ênclise verbal ao longo do EF II mobilizam simultaneamente a configuração métrica preferencial da palavra em PB, por um lado, e a ausência do hífen que, na escrita, marca justamente a dependência morfossintática do clítico em relação ao verbo, por outro lado. Nesta representação escrita, estão em tensão os limites (orto)gráficos da palavra e a projeção de relação sintática entre palavras (o hífen sinaliza uma relação entre verbo e seu complemento). Mais do que meros registros escritos de aprendizes (que eventualmente seriam diagnosticados com distúrbio específico de escrita ou disortografia – cf. Fernández et al., 2010), defendemos que esses registros são pistas de que, em PB como no Português Europeu, pronomes enclíticos ao verbo possam ser prosodizados no nível da palavra, como defendeu Vigário (2003).

Sobre esse tipo de estrutura, avançamos em relação à análise de Fiel (2018) ao problematizar a possibilidade de esses dados de hipossegmentação serem registros da palavra fonológica pós-lexical, na esteira dos resultados de Brisolara (2008) sobre a prosodização dos clíticos pronominais em PB. Ao investigar o status prosódico dos clíticos pronominais no PB (dados de Porto Alegre e Santana do Livramento), Brisolara (2008, p. 160) afirma que “os clíticos do PB se anexam ao hospedeiro, constituindo uma palavra fonológica pós-lexical, por recursividade”, independentemente de o pronome estar em posição pré ou pós-verbal. Esses resultados permitiriam, ainda, assumir a perspectiva interpretativa defendida por Guzzo (2015), para quem clíticos pronominais são prosodizados no grupo composto (conforme abordagem de Vogel, 2009). Essa prosodização do clítico em relação ao seu hospedeiro é relevante para sustentar a proposta da ancoragem de crianças e adolescentes na fonologia do PB ao produzirem estruturas enclíticas em sua escrita.

Não se pode desconsiderar, ainda, o fato de a junção do verbo ao clítico poder ser interpretada como marca linguística da tentativa de o escrevente projetar a (sua) escrita ao que ele imagina ser a escrita escolar. Essa tentativa de alçar a convenção ortográfica, segundo Corrêa (2004), é estabelecida por meio dos entrelaçamentos do oral/falado e do letrado/escrito que “se evidenciam sempre que o escrevente leva a extremos uma tal imagem sobre o código escrito” (Corrêa, 2004, p. 271). Os dados revelariam, nessa interpretação, a representação que o sujeito escrevente faz do escrito institucionalizado na sua escrita, projetando no gráfico características do oral/falado.

Retomando os resultados de hipossegmentação no EF II, encontramos sete dados decorrentes da junção de um verbo com uma preposição ou um artigo, como exemplificado no quadro a seguir.

Quadro 2 - Hipossegmentações de verbo e preposição ou artigo

6º ano	7º ano	9º ano
‘desci da’ > ‘desida’	‘tem que’ > ‘tenque’	‘tem de’ > ‘tende’
‘bateu a’ > ‘bateua’	‘vi o’ > ‘vio’	
‘achei o’ > ‘acheio’		
‘amei o’ > ‘ameio’		

Fonte: Adaptado de Fiel (2018).

Do Quadro 2, observamos que, no sexto ano, predomina a junção de verbo (todos no pretérito perfeito) e artigo, além de um dado de verbo e preposição (‘desci da’). As formas verbais são constituídas de pé binário iâmbico e, após a junção, formam grafias que se configuram em pés ternários trocaicos. Algumas dessas hipossegmentações correspondem a palavras da língua: ‘desida’ (‘desci da’) corresponde a ‘descida’ (forma do verbo ‘descer’); ‘tende’ (‘tem de’) a ‘tende’ (forma do verbo ‘tender’); ‘vio’ (‘vi o’) a ‘viu’ (forma do verbo ‘ver’). Fiel (2018) verifica motivação lexical e ortográfica para essas grafias, além da motivação da configuração métrica de palavra. Cabe, ainda, observar que ‘tenque’ e ‘tende’, respectivamente, junção de ‘tem’ com ‘que’ (dado do sétimo ano) e de ‘tem’ com ‘de’ (dado do nono ano), constituem índice de emergência do que pode ser definido como gramaticalização de construções morfossintáticas. Segundo Barros (2012), a estrutura ‘ter que’ sofreu um processo de gramaticalização, na qual o verbo ‘ter’ passou por uma alteração categorial, inserindo-se no paradigma dos auxiliares. O mesmo processo teria ocorrido com ‘tem de’. Portanto, motivação morfossintática e lexical favoreceria grafia de preposição como conjunção enclítica à forma do verbo ‘ter’. Esses dados permitem observar a confluência de fatores que favoreceriam junções gráficas de formas que têm entre si fortes relações de dependência morfossintática, além de atenderem à configuração métrica de palavra predominante do PB. Essas características levam à interpretação de que clítico posposto a seu hospedeiro seria resultado de uma confluência de fatores linguísticos, além dos ortográficos. No que interessa à teoria fonológica, esses dados de escrita dão pistas de que, em PB, haveria contextos morfossintáticos específicos em que clítico se integraria à palavra prosódica e não seria, pois, adjungido à palavra formando o grupo clítico.

Seguindo com a descrição dos dados, apresentamos – no Quadro 3 – sete hipossegmentações que envolvem advérbio e conjunção, preposição ou pronome.

Quadro 3 - Hipossegmentações de advérbio e conjunção, preposição ou pronome

6º ano	7º ano	8º ano
‘só que’ > ‘soque’	‘sempre que’ > ‘sempreque’	‘agora se’ > ‘agorase’
‘além de’ > ‘alende’	‘não me’ > ‘nãome’	
	‘só me’ > ‘some’	
	‘lá em’ > ‘lem’ (4x)	

Fonte: Adaptado de Fiel (2018).

Em todas essas ocorrências, o advérbio funciona como hospedeiro dos clíticos que o seguem, constituindo estruturas enclíticas. Nessas junções, assim como naquelas que envolvem verbo e clítico, resultam a configuração de possíveis palavras prosódicas, na sua maioria paroxítonas constituídas por duas ou, no máximo, três sílabas. Esses registros do Quadro 3, mesmo poucos, trazem indícios de prosodização de clíticos à esquerda e, embora sejam semelhantes aos anteriormente descritos pelo tipo de configuração prosódica, diferem por envolverem palavras gramaticais distintas de verbos e pronomes, além de a fronteira gráfica em questão ser o branco (que apenas delimita fronteira entre palavras) e não o hífen (que delimita e sinaliza dependência entre palavras gráficas). Mais uma vez, a configuração métrica da hipossegmentação é aquela possível para palavras prosódicas do PB, trazendo indícios de que certas relações entre clítico e hospedeiro estão sujeitas a uma configuração prosódica distinta do chamado grupo clítico.

Para finalizar, vale mencionar que nesse conjunto de grafias também encontramos a hipossegmentação da sequência ‘para que’ > ‘praque’ (duas ocorrências no oitavo ano e uma no nono ano), na qual verificamos a redução ‘para’ > ‘pra’. Esses dados indiciam o processo de redução da preposição, tornando-se um clítico fonológico, somada à sua prosodização junto a um pronome que lhe segue. O resultado é uma sequência de dissílabo com acento na última sílaba, uma possível configuração métrica de palavra prosódica em PB. Reiteremos que essas grafias constituem pistas de que haja prosodização de clíticos à esquerda em determinadas estruturas linguísticas em PB. Identificar evidências fonéticas que refutem ou confirmem essas pistas é, pois, tarefa a ser feita em estudo futuro.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tratamos das hipossegmentações de palavras em textos do EF II – notadamente, apenas os casos em que clíticos são pospostos ao hospedeiro, por se constituírem em uma configuração enclítica distinta da característica predominante das hipossegmentações encontradas nos textos escritos (cf. Fiel, 2018). Para a descrição desses dados, consideramos as classes das palavras envolvidas nas hipossegmentações e identificamos haver verbos seguidos de pronomes, uma configuração enclítica típica



de textos escritos, e verbos seguidos de artigos ou advérbios seguidos de pronomes, formando estruturas enclíticas caracterizadas como potenciais fontes da chamada gramaticalização de estruturas ou, ainda, como efeito de configuração métrica da palavra prosódica.

A regularidade da configuração métrica resultante da hipossegmentação no conjunto de grafias descritas permitiu aventar a hipótese de que haja potencial motivação na configuração métrica típica do domínio da palavra, a saber, pés binários ou ternários trocaicos. Nessa interpretação, haveria na hipossegmentação do clítico à esquerda do hospedeiro pista de projeção de configuração métrica de palavra prosódica. Na literatura sobre prosodização de clíticos em PB, pouca referência se faz a essa possibilidade de haver estruturas enclíticas, como em ‘(além de)Σ (fazer)Σ’, em que a preposição fica enclítica a ‘além’ e não proclítica a ‘fazer’. Essas são estruturas diferentes daquelas que envolvem verbo e pronomes em construções enclíticas, como ‘pegá-lo’, sobre as quais há estudos.

Argumentamos, ainda, que a recorrência de hipossegmentação de clíticos pospostos ao hospedeiro seria pista de que, em PB, haveria assimetria na prosodização de clíticos, diferentemente do que propôs Simioni (2008). O conjunto de hipossegmentações fornece, ainda, pista de quais construções morfossintáticas seriam prosodizadas no domínio da palavra.

Concluimos este artigo apontando para a necessidade de se investigar, em dados de fala, evidências fonéticas (por meio de experimentos, por exemplo) da prosodização de clíticos que se integrariam à palavra prosódica, quando a direção da prosodização fosse à esquerda de seu hospedeiro. Acenamos, por fim, a favor da ampliação, por meio de estudos experimentais, do conjunto de estruturas em que o clítico fica enclítico a seu hospedeiro, notadamente quando essa possibilidade atender configurações métricas típicas do PB.

## REFERÊNCIAS

Abaurre MBM, Fiad RS, Mayrink-Sabinson MLT. Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto. Campinas: Mercado de Letras; 1997.

Abaurre MBM, Galves C. Os clíticos no português brasileiro: uma abordagem sintático-fonológica. In: Castilho AT, Basílio M, organizadores. Gramática do português falado: estudos descritivos. Campinas: Ed. da UNICAMP; 1996. p. 273-320.

Barros ECM. Construções modais com ‘ter’: gramaticalização e variação. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012.

Bisol L. Mattoso Câmara Jr e a palavra prosódica. DELTA. 2004;20(especial):59-70.

Bisol L. O clítico e o seu hospedeiro. Letras de Hoje. 2005;40(3):163-184.

Bisol L. O clítico e seu status prosódico. Revista de Estudos da Linguagem. 2000;9(1):5-20.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília; 1997.

Brisolara LB. Os clíticos pronominais do Português brasileiro e sua prosodização. [tese]. Porto Alegre: Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2008.

- Capristano CC. Segmentação na escrita infantil. São Paulo: Martins Fontes; 2007.
- Capristano CC, Angelo CMP. Concepções de escrita de professores em formação de um curso de Letras. *Revista Todas as Letras*. 2015;17(29-42).
- Chacon L. Flutuação na segmentação de palavras: relações entre constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil. *Filologia e Linguística Portuguesa*. 2013;15(2):369-383.
- Corrêa MLG. O modo heterogêneo de constituição da escrita. São Paulo: Martins Fontes; 2004.
- Cunha APN. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia. [dissertação]. Pelotas: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas; 2004.
- Cunha APN, Miranda ARM. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. 2007;5(1):1-19.
- Fernandes FR. Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia. [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2007.
- Fernández AY, et al. Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: revisão da literatura. *Revista CEFAC*. 2010;12(3):499-504.
- Fiel RP. Estudo longitudinal de hipossegmentações de palavras em textos do EF II. [dissertação]. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; 2018.
- Frota S. Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing; 2000.
- Guzzo NB. A prosodização de clíticos e compostos em português brasileiro. [tese]. Porto Alegre: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2015.
- Inkelas S. Prosodic constituency in the lexicon. New York: Garland; 1990.
- Marcato F. Análise prosódica de preposições monossilábicas. [dissertação]. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; 2013.
- Nespor M, Vogel I. Prosodic phonology. Dordrecht: Foris Publications; 1986.
- Nespor M, Vogel I. Prosodic phonology: with a new foreword. Berlin/New York: Mouton de Gruyter; 2007.
- Selkirk E. Phonology and Syntax: the relation between sound and structure. The Massachusetts Institute of Technology; 1984.
- Selkirk E. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*. 1986;3:371-405.
- Selkirk E. The prosodic structure of function words. In: Morgan J, Demuth K, editores. *Signal to syntax: bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*, Mahwah NJ: Lawrence Erlbaum; 1996. p. 187-213.
- Selkirk E. The prosodic structure of function words. In: McCarthy J. *Optimality Theory in phonology: a reader*. Oxford: Blackwell; 2004. p. 464-482.

Simioni T. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. *Alfa: revista de linguística*. 2008;52(2):431-446. [Citado 15 dez. 2018]. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1526>.

Tenani L, Longhin-Thomazi S. Oficinas de leitura, interpretação e produção textual no Ensino Fundamental. *Em Extensão*. 2014;13(1):20-34.

Tenani L. Banco de dados de escrita do ensino fundamental II. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP; 2015. [citado 10 nov. 2015]. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>.

Tenani L. Prosódia e escrita: uma análise a partir de (hiper) segmentações de palavra. [tese de livre-docência]. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; 2016.

Vigário M. The prosodic word in European Portuguese. Berlim/New York: Mouton de Gruyter; 2003.

Vogel I. The status of the Clitic Group. In: Grijzenhout J, Kabak B, editores. *Phonological Domains: universals and deviations*. Mouton de Gruyter; 2009. p. 15-46.

Zorzi JL. Alterações ortográficas nos transtornos de aprendizagem. In: Maluf MI, organizadora. *Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade*. Rio de Janeiro: Vozes / São Paulo: ABP; 2006. p. 144-162.

FLP20(esp)